# TERRITÓRIO VIVIDO E PERCEPÇÃO SOCIOAMBIENTAL NO SEMIÁRIDO BAIANO: LEITURAS DE ESTUDANTES URBANOS E RURAIS

# LIVED TERRITORY AND SOCIO-ENVIRONMENTAL PERCEPTION IN THE SEMI-ARID REGION OF BAHIA: READINGS OF URBAN AND RURAL STUDENTS

# TERRITORIO VIVIDO Y PERCEPCIÓN SOCIOAMBIENTAL EN EL SEMIÁRIDO BAIANO: LECTURAS DE ESTUDIANTES URBANOS Y RURALES

10.56238/IIMultiCientifica-110

**Antonio Eudes Lima da Cruz**
Mestre em Ciências Ambientais
Instituição: Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
E-mail: tom.eudes@gmail.com

## RESUMO

A percepção socioambiental ajuda a compreender como estudantes interpretam transformações do espaço em que vivem e articulam experiência cotidiana e conhecimento escolar. Este estudo analisa como o contexto de residência se relaciona às formas pelas quais estudantes urbanos e rurais reconhecem e interpretam problemas socioambientais em Pé de Serra, Bahia. O trabalho constitui recorte e reanálise temática de pesquisa anteriormente publicada, realizada com 54 estudantes da 3ª série do Ensino Médio, dos quais 34 residiam na zona urbana e 20 na zona rural. Foram selecionados dados referentes à percepção de impactos ambientais, à relação entre desmatamento e desertificação e às interpretações apresentadas sobre esse fenômeno. Os resultados revelam contrastes descritivos entre os grupos, sem permitir atribuir ao local de residência a causa das diferenças observadas. A análise indica que a experiência territorial constitui importante referência para a leitura dos problemas ambientais, embora sua compreensão demande mediação conceitual. A Educação Geográfica pode contribuir para esse processo ao aproximar experiência, conceitos e diferentes representações do espaço.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental. Percepção Socioambiental. Território Vivido. Ensino de Geografia. Semiárido.

## ABSTRACT

Socio-environmental perception helps to understand how students interpret transformations in the spaces where they live and connect everyday experiences with school knowledge. This study analyzes how place of residence relates to the ways urban and rural students recognize and interpret socio-environmental problems in Pé de Serra, Bahia, Brazil. The study constitutes a thematic reanalysis of previously published research conducted with 54 third-year high school students, 34 living in urban areas and 20 in rural areas. Data concerning perceptions of environmental impacts, the relationship between deforestation and desertification, and students' interpretations of this phenomenon were selected. The results reveal descriptive contrasts between the groups without allowing place of residence to be regarded as the cause of the observed differences. Territorial experience provides an

important reference for interpreting environmental problems, although their understanding requires conceptual mediation. Geography Education can contribute to this process by connecting experience, concepts, and different forms of spatial representation.

**Keywords:** Environmental Education. Socio-environmental Perception. Lived Territory. Geography Education. Brazilian Semi-arid Region.

**RESUMEN**

La percepción socioambiental permite comprender cómo los estudiantes interpretan las transformaciones del espacio en el que viven y articulan las experiencias cotidianas con el conocimiento escolar. Este estudio analiza cómo el contexto de residencia se relaciona con las formas en que estudiantes urbanos y rurales reconocen e interpretan problemas socioambientales en Pé de Serra, Bahía, Brasil. El trabajo constituye un recorte y reanálisis temático de una investigación previamente publicada, realizada con 54 estudiantes del tercer año de la Enseñanza Media, de los cuales 34 residían en la zona urbana y 20 en la zona rural. Se seleccionaron datos sobre percepción de impactos ambientales, relación entre deforestación y desertificación e interpretaciones acerca de este fenómeno. Los resultados muestran contrastes descriptivos entre los grupos, sin permitir atribuir al lugar de residencia la causa de las diferencias observadas. La experiencia territorial constituye una referencia importante para interpretar los problemas ambientales, aunque su comprensión requiere mediación conceptual. La Educación Geográfica puede contribuir a este proceso articulando experiencia, conceptos y diferentes representaciones del espacio.

**Palabras clave:** Educación Ambiental. Percepción Socioambiental. Territorio Vivido. Educación Geográfica. Semiárido de Bahía.

## 1 INTRODUÇÃO

Os problemas socioambientais do Semiárido assumem formas concretas na paisagem. Redução da cobertura vegetal, exposição dos solos, alterações no uso da terra e processos relacionados à desertificação fazem parte de uma dinâmica na qual condições climáticas, práticas produtivas e formas históricas de apropriação do território se articulam. Conviver cotidianamente com essas transformações, contudo, não significa compreender de imediato as relações que participam de sua produção.

A experiência construída nos lugares constitui uma referência importante para essa leitura. Tuan (1980) chama atenção para as relações entre percepção, atitudes, valores e experiência ambiental. Santos (2006), em outra perspectiva, permite ultrapassar uma leitura restrita à aparência da paisagem ao compreender o espaço pela articulação entre materialidades e ações. As questões ambientais, por sua vez, não podem ser dissociadas das formas historicamente produzidas de apropriação da natureza e do território (PORTO-GONÇALVES, 1989).

No ensino de Geografia, o lugar vivido pode assumir função que ultrapassa a simples exemplificação dos conteúdos escolares. Para Cavalcanti (1998), os conhecimentos produzidos na vida cotidiana participam da construção do conhecimento geográfico quando colocados em diálogo com os conceitos. Callai (2018) também situa o lugar como referência importante para uma Educação Geográfica voltada à formação cidadã, sobretudo quando as experiências próximas são relacionadas a processos que se desenvolvem em outras escalas. Nessa direção, a experiência local ganha maior densidade educativa quando passa a ser interrogada, comparada e interpretada.

Essa compreensão aproxima-se de uma Educação Ambiental que não reduza os problemas socioambientais à mudança de comportamentos individuais. Carvalho (2001) questiona abordagens apoiadas exclusivamente na prescrição de condutas, enquanto Jacobi (2003) relaciona Educação Ambiental, cidadania e participação. As formas pelas quais os sujeitos compreendem o ambiente também envolvem representações construídas socialmente (REIGOTA, 2004). Em contexto escolar, Marques, Rios e Alves (2022) demonstram a pertinência da percepção ambiental como possibilidade de compreender conhecimentos e sentidos atribuídos ao ambiente pelos estudantes.

A passagem da observação para uma interpretação geográfica mais elaborada envolve ainda operações relacionadas ao pensamento espacial. Castellar e De Paula (2020) discutem sua participação na construção do raciocínio geográfico, enquanto Duarte e Castellar (2022) ressaltam a importância da linguagem cartográfica nesse processo. No Ensino Médio, Lopes e Abreu (2024) apresentam

possibilidades de trabalhar situações geográficas vinculadas ao cotidiano por meio do pensamento espacial. Miranda *et al.* (2025), ao discutirem conteúdos digitais e geotecnologias no ensino de Geografia, aproximam esses recursos da construção do pensamento crítico. Neste artigo, entretanto, as tecnologias espaciais são compreendidas como formas de representação e mediação da leitura do território, e não como objeto central da investigação.

O estudo objetiva, assim, analisar como o contexto de residência se relaciona às formas pelas quais estudantes urbanos e rurais interpretam problemas socioambientais presentes no território vivido, discutindo o papel da Educação Geográfica na articulação entre experiência cotidiana e compreensão conceitual desses fenômenos.

## 2 PERCURSO METODOLÓGICO

Este artigo constitui recorte e reanálise temática da investigação publicada por Cruz *et al.* (2025). Participaram da pesquisa 54 estudantes da 3ª série do Ensino Médio de uma escola pública de Pé de Serra, Bahia: 34 residentes na zona urbana e 20 na zona rural. A coleta ocorreu entre 15 e 30 de agosto de 2024 e envolveu questionários e atividades pedagógicas com mapas e imagens de satélite. Para esta reanálise foram selecionados os dados referentes à percepção de problemas ambientais, ao reconhecimento da relação entre desmatamento da Caatinga e desertificação e às interpretações apresentadas pelos participantes acerca desse fenômeno. A percepção socioambiental é entendida, neste recorte, a partir do reconhecimento de problemas presentes no território e das explicações construídas pelos estudantes sobre suas causas e relações.

Os dados quantitativos foram tratados por meio de frequências e percentuais. Nas questões abertas, as respostas foram lidas e agrupadas pelo pesquisador por aproximação de sentidos e recorrência temática, mantendo-se as categorias diretamente relacionadas ao objeto desta reanálise. A comparação entre estudantes urbanos e rurais possui caráter estritamente descritivo. Não foram realizados testes inferenciais; por essa razão, o contexto de residência é tratado como condição analítica, e não como causa das diferenças encontradas.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados mostram diferenças nas leituras produzidas pelos dois grupos. Entre os estudantes da zona urbana, 88% afirmaram perceber impactos ou problemas ambientais em Pé de Serra; entre os residentes na zona rural, o percentual foi de 75%. Quando questionados sobre a relação entre

desmatamento da Caatinga e desertificação, 91% dos estudantes urbanos reconheceram essa associação, diante de 65% dos estudantes rurais. Esses valores expressam contrastes descritivos. A pesquisa não investigou variáveis que permitam explicar causalmente as diferenças encontradas e, portanto, os percentuais não autorizam estabelecer maior ou menor consciência ambiental entre os grupos.

A experiência territorial permanece, contudo, como dimensão importante para interpretar esses resultados. Cavalcanti (1998) considera os conhecimentos cotidianos referências relevantes para a aprendizagem geográfica, desde que sejam confrontados e reelaborados no trabalho com os conceitos. Essa relação ajuda a compreender por que a convivência com determinado problema não assegura sua explicação. O conhecimento do lugar amplia-se quando aquilo que é vivido pode ser relacionado a processos e escalas que ultrapassam sua aparência imediata (CALLAI, 2018).

As respostas referentes à desertificação permitem observar essa questão com maior precisão. Como mostra a Tabela 1, 31% dos estudantes associaram o fenômeno ao desmatamento, 25% às modificações da paisagem natural e 21% à degradação do solo e do ambiente. Outros 12% mencionaram aumento da temperatura e escassez de chuvas, enquanto 11% não apresentaram uma definição.

Tabela 1. Entendimento dos estudantes sobre o conceito de desertificação

| **Categoria identificada nas respostas** | **Percentual** |
|---|---|
| Desmatamento | 31% |
| Modificações da paisagem natural | 25% |
| Degradação do solo e do ambiente | 21% |
| Aumento da temperatura e escassez de chuvas | 12% |
| Não apresentaram definição | 11% |

Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados da pesquisa realizada em 2024 e originalmente publicados em Cruz *et al.* (2025).

As três categorias mais frequentes mostram que muitos estudantes constroem suas interpretações a partir de aspectos concretamente reconhecíveis no território. Retirada da vegetação, solo exposto e mudanças na paisagem são manifestações relevantes dos processos de degradação. Essas respostas reconhecem componentes importantes do fenômeno, embora apresentem alcance explicativo parcial quando não articuladas às condições climáticas, às formas de uso da terra e às práticas sociais.

Segundo Santos (2006), compreender o espaço implica considerar as materialidades em relação com as ações que participam de sua produção. Essa leitura permite deslocar a análise daquilo que

simplesmente se vê para os processos que ajudam a explicar as transformações da paisagem. A associação entre desertificação, temperatura e escassez de chuvas, presente em 12% das respostas, reconhece uma dimensão climática do fenômeno, mas seria insuficiente se tomada isoladamente. No Semiárido, atribuir a degradação apenas às condições naturais pode ocultar práticas de uso e apropriação do território que também interferem nesse processo.

Os 11% que não apresentaram uma definição revelam uma dificuldade de formulação conceitual observada entre parte dos participantes. Os dados disponíveis não permitem determinar sua origem nem relacioná-la diretamente à residência urbana ou rural. As representações ambientais são construídas nas experiências sociais e podem assumir sentidos diferentes mesmo entre sujeitos que compartilham espaços próximos (REIGOTA, 2004). O território, desse modo, oferece referências importantes para a percepção sem produzir necessariamente interpretações semelhantes.

As respostas referentes às formas de enfrentamento da desertificação acrescentam outro aspecto à análise. Em vez de distribuir suas indicações em categorias conceituais sobre o fenômeno, 82% dos estudantes concentraram as respostas em medidas ligadas à recuperação da vegetação, ao manejo do solo, à redução da supressão vegetal e a ações educativas relacionadas à conservação ambiental.

Tabela 2. Alternativas indicadas pelos estudantes para o enfrentamento da desertificação

| Resultado | Síntese das respostas |
|---|---|
| 82% indicaram ações de prevenção ou enfrentamento | Recuperação da vegetação, manejo adequado do solo, redução do desmatamento e ações educativas voltadas à conservação ambiental |

Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados da pesquisa realizada em 2024 e originalmente publicados em Cruz *et al.* (2025).

Observou-se maior frequência de respostas relacionadas às ações de prevenção do que de formulações conceitualmente mais abrangentes acerca da desertificação. A leitura conjunta das duas tabelas mostra que reconhecer manifestações de um fenômeno, explicar suas relações e propor formas de enfrentamento constituem operações próximas, mas não equivalentes.

A recorrência de ideias ligadas à "conscientização" e ao "cuidado com o ambiente" também merece atenção. Elas revelam o reconhecimento de que as ações humanas participam das questões ambientais, porém podem conduzir a uma interpretação excessivamente centrada nas atitudes individuais. Para Carvalho (2001), a Educação Ambiental precisa superar abordagens restritas à mudança de comportamento. No caso da desertificação, reflorestamento, conservação do solo e redução do desmatamento precisam ser relacionados às práticas produtivas, ao planejamento territorial, às políticas públicas e às responsabilidades coletivas.

É na passagem entre observar e explicar que a Educação Geográfica pode desempenhar uma de suas funções mais importantes. Castellar e De Paula (2020) discutem o raciocínio geográfico como construção que envolve relações espaciais e interpretação dos fenômenos. Reconhecer uma área desmatada ou um solo degradado constitui parte da leitura; compreender suas causas, agentes e consequências exige relacionar informações, estabelecer conexões e considerar diferentes escalas.

Os mapas e as imagens de satélite utilizados na pesquisa funcionaram como representações complementares do território. Não é possível, entretanto, atribuir a esses recursos uma alteração mensurável na percepção socioambiental dos participantes, pois o desenho da investigação não contou com grupo de controle nem com instrumento validado especificamente para essa finalidade. Neste recorte, sua contribuição é compreendida como mediação para observar, comparar e problematizar espacialmente os fenômenos.

Os contrastes urbano-rurais não devem, portanto, ser convertidos em hierarquias entre os estudantes. Mais relevante do que determinar quem "percebe melhor" é reconhecer que jovens que compartilham um mesmo município podem construir interpretações distintas sobre seus problemas socioambientais. O território vivido fornece experiências concretas; cabe ao trabalho escolar colocá-las em diálogo com conceitos e outras formas de representação do espaço.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise evidenciou contrastes nas formas pelas quais estudantes urbanos e rurais reconhecem e interpretam problemas socioambientais de Pé de Serra. Esses resultados possuem caráter descritivo e não permitem atribuir ao contexto de residência a causa das diferenças encontradas. Mostram, entretanto, que as experiências construídas no território constituem referências importantes para a leitura da realidade ambiental.

As respostas sobre desertificação revelaram forte presença dos elementos mais visíveis da paisagem, enquanto as propostas de enfrentamento demonstraram reconhecimento da participação humana nos processos de conservação e degradação. Para a Educação Geográfica, o desafio está justamente em tomar essas experiências como ponto de partida e ampliá-las por meio de conceitos, relações espaciais e diferentes escalas de análise.

O território vivido não constitui, assim, uma explicação suficiente da percepção socioambiental. Ele oferece experiências que podem ser interrogadas e reelaboradas no espaço escolar. Ao promover esse movimento, o ensino de Geografia pode contribuir para que os problemas do

Semiárido sejam compreendidos para além de suas manifestações imediatas, articulando sociedade, natureza e território de forma crítica e contextualizada.

## NOTA DE ORIGEM

Este artigo constitui recorte e reanálise temática de dados originalmente publicados por Cruz *et al.* (2024), no artigo *Geotecnologias no Ensino Médio: o sensoriamento remoto como ferramenta de educação ambiental no semiárido nordestino brasileiro*, publicado na revista *Research, Society and Development*, v. 13, n. 11, e240141150163, em 2024, sob licença CC BY 4.0, ISSN 2525-3409, DOI: 10.33448/rsd-v13i11.50163. A publicação original teve como foco o emprego do sensoriamento remoto como ferramenta de Educação Ambiental, com ênfase na compreensão da degradação da Caatinga e da desertificação. A presente versão retoma parte da mesma base empírica, mas desenvolve recorte, objetivo e eixo analítico distintos, centrados nas relações entre território vivido, percepção socioambiental e contexto de residência de estudantes urbanos e rurais.

## REFERÊNCIAS


BARZANO, Marco Antonio Leandro. Currículo das margens: apontamentos para ser professor de Ciências e Biologia. Educação em Foco, Juiz de Fora, v. 21, n. 1, p. 105-124, mar./jun. 2016.

CALLAI, Helena Copetti. Educação geográfica para a formação cidadã. Revista de Geografía Norte Grande, Santiago, n. 70, p. 9-30, dez. 2018.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Qual educação ambiental? Elementos para um debate sobre educação ambiental e extensão rural. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 43-51, abr./jun. 2001.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; DE PAULA, Igor Rafael. O papel do pensamento espacial na construção do raciocínio geográfico. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 10, n. 19, p. 294-322, jan./jun. 2020.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, escola e construção de conhecimentos. Campinas: Papirus, 1998.

CRUZ, Antonio Eudes Lima da *et al.* Geotecnologias no Ensino Médio: o sensoriamento remoto como ferramenta de educação ambiental no semiárido nordestino brasileiro. Research, Society and Development, Vargem Grande Paulista, v. 13, n. 11, e240141150163, p. 1-15, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.33448/rsd-v13i11.50163. Acesso em: 11 ago. 2026.

DUARTE, Ronaldo Goulart; CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Raciocínio geográfico, pensamento espacial e cartografia na educação geográfica brasileira. Giramundo: Revista de Geografia do Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, v. 9, n. 18, p. 17-24, jul./dez. 2022.

JACOBI, Pedro. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 118, p. 189-205, mar. 2003.

MARQUES, Welington Ribeiro Aquino; RIOS, Diego Lisboa; ALVES, Kerley dos Santos. A percepção ambiental na aplicação da Educação Ambiental em escolas. Revista Brasileira de Educação Ambiental, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 527-545, mar./abr. 2022.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Os (des)caminhos do meio ambiente. São Paulo: Contexto, 1989.

REIGOTA, Marcos. Meio ambiente e representação social. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.